

“EU TENHO ORGULHO (...)”: UMA ANÁLISE MULTIMODAL DO DEPOIMENTO DE LULA NA LAVA JATO

Viviane Costa¹

vivimaia30@yahoo.com.br

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre gestos e fala no processo de construção da linha de conduta e da preservação da *face* em encontros sociais. Como *corpus*, foi utilizada a declaração final feita pelo ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, no âmbito da investigação Lava Jato. A nossa análise apoiou-se nos estudos sobre *face* e linha de conduta de Goffman (1955; 1964) e nos estudos sobre gestos de Kendon (1995; 1997; 2004; 2013) e Geneviève Calbris (2003).

PALAVRAS-CHAVE. Construção da Imagem, Multimodalidade na Interação Face a Face, Interação no Contexto Político, Interação no Contexto Forense.

ABSTRACT. The purpose of this paper is to analyze the relationship between gestures and speech in the process of face-to-face interaction. As a corpus, we used the final declaration made by the former president of Brazil, Luiz Inácio Lula da Silva, during the investigation called *Lava Jato*. Our analysis was based on Goffman's (1955, 1964) studies of face-to-face interaction, and Kendon (1995, 1997, 2013) and Geneviève Calbris's (2003) gestures studies.

KEYWORDS. Image Construction, Multimodality in Face-to-face Interaction, Interaction in Political Context, Interaction in Forensic Context.

1 - Introdução

Neste trabalho, apresenta-se uma análise das modalidades gestuais e verbais, assim como de ações corporais, aplicada ao discurso em contexto político, dando-se principal atenção ao modo como essas modalidades fornecem pistas de interpretação sobre a linha de conduta e a preservação da *face* em encontros sociais.

Para tal análise, foi escolhido o primeiro depoimento do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, prestado durante a investigação denominada ‘Operação Lava Jato’. Deste discurso, foi selecionado um segmento correspondente à declaração final feita pelo

¹ Estudante de Doutorado do Curso de Ciências da Linguagem, variante Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ex-presidente, em que este procura defender-se das acusações feitas pelo Ministério Público e reivindicar um valor social positivo para si mesmo. Essa declaração reforça o seu papel social de político e, ao mesmo tempo, busca construir uma imagem de vítima.

Antes de passarmos à análise, entretanto, trataremos alguns conceitos acerca da *face* e da linha de conduta, tendo como principal referência os estudos sobre interação face a face de Goffman (1955; 1956; 1964). Para a descrição da relação entre os gestos, ações corporais e a fala na produção do enunciado, apoiar-nos-emos em algumas obras da área de estudo do gesto, sobretudo em Kendon (1995; 1997; 2004; 2013) e em Calbris (2003). Segue-se a descrição do *corpus*, a análise propriamente dita e as considerações finais.

2 - Bases teóricas

2.1 - A interação face a face

Nos seus estudos, Goffman procura voltar a sua atenção para a situação social que, segundo ele, “emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e dura até que a penúltima pessoa tenha se retirado” (Goffman 2002a: 17). O autor também afirma que, em tais situações, os participantes procuram orientar-se “na direção um do outro e se desviam daqueles que estão presentes na situação mas que não estão oficialmente no encontro” (Goffman 2002a: 18). Assim, podemos dizer, de uma maneira geral, que há dois tipos de participantes em encontros sociais: um que está presente não só fisicamente, mas que surge também comprometido com a interação e que tem, portanto, a sua atenção voltada para um ou mais participantes, e outro que, nas palavras de Goffman (2002a: 18), seria um mero participante descomprometido com os outros e sem foco distinto. Esses encontros sociais, no entanto, não acontecem de maneira arbitrária. Eles seguem certas regras de interação ou rituais, comportamentos apreendidos pelos falantes nativos no processo de aquisição das competências sociais, ou seja, na experiência de comunicar, através das modalidades corporais disponíveis (a voz, os gestos, movimentos da cabeça, olhar, postura e expressões faciais). Todos estes elementos são importantes para a transmissão e compreensão de mensagens, pois fornecem informações importantes para a interpretação das intenções comunicativas dos participantes num contexto de interação face a face (Gumperz 1982). É sabido, sem que seja necessário ler nenhum manual, que existem certas regras para começar ou terminar um encontro, assim como para entrar ou sair de determinadas situações, de maneira a que não sejam causados constrangimentos aos participantes. Consequentemente, também sabemos que a fala segue

uma organização, ou melhor, está estruturada em “turnos”², um aspeto minuciosamente estudado por Sacks, Schegloff & Jefferson (1974) para o inglês americano.

“A fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social.”

(Goffman 2002a: 19)

Assim, tendo em conta a adaptação constante entre falante e ouvinte(s) na interação face a face, entende-se esse tipo de evento comunicativo como um produto social, construído, simultaneamente, por todos os que nele participam. Em relação às ações face a face, Goffman (2011: 13) refere-se tanto aos atos verbais, bem como aos não verbais que são realizados pelos participantes. Por conseguinte, afirma que esses atos constituem a linha de conduta (ou ‘linha’) que o participante assume, conscientemente ou não, ao longo da interação. É através dessa linha que uma pessoa “expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente a própria” (Goffman 2011: 13). É também através da linha de conduta que uma pessoa reivindica um valor positivo para si mesmo, ou melhor, reivindica o que Goffman define por *face*.

“A fachada³ é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados – mesmo que essa imagem possa ser partilhada, como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração de sua profissão ou religião ao fazer uma boa demonstração de si mesmo.”

(Goffman 2011: 14)

Assim, tendo em conta estas definições de *face* e linha, podemos dizer que a imagem do ‘eu’ é construída e reivindicada através de atos verbais e não verbais realizados ao longo da interação. Para Maingueneau (2007: 12), “a ideia de que, ao falar, um locutor ativa nos seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la, é particularmente simples, é até trivial”. Todavia, Goffman (2002b: 16) chama atenção para o facto de que os atos verbais podem ser controlados e os não verbais nem sempre. A expressão emitida como gestos, suores, olhares, etc., pode acontecer de forma não intencional e, por conseguinte, dar sinais da legitimidade ou não do que está a ser falado. Este ponto de vista, que remete para a ligação intrínseca entre gestos e palavras ou ideias, foi intensivamente explorado a partir dos anos 90 na área dos estudos do gesto. Voltará, por isso, a ser tratado mais adiante, no parágrafo dedicado a esta área.

² Em português europeu tem sido usado o termo “vez” para referir “turno” e a expressão “alternância de vez” para designar a sequência de turnos produzidos pelos diversos participantes (Galhano-Rodrigues 1998).

³ Utilizamos aqui a tradução realizada por Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Entretanto, ao longo do trabalho utilizaremos o termo ‘face’ com o mesmo sentido de ‘fachada’.

Situações em que as ações não verbais são incoerentes com a fala, ou vice-versa, podem causar constrangimentos tanto para o participante que tem a sua *face* comprometida, quanto para os demais, uma vez que “a *face* pessoal e a *face* dos outros são construtos da mesma ordem (...)” (Goffman 2011: 14). Assim, ao longo da interação, uma pessoa deve estar comprometida tanto com a sua *face*, como com a do outro. Isso implica que ela deve mostrar sentimentos para com a *face* do outro e, conseqüentemente, apoiar a *face* mantida por ele. Ao fazer isso, esperará que, em contrapartida, o outro também tenha consideração pela sua *face* e busque apoiar a linha assumida por ela.

“Assim como esperamos que um membro de qualquer grupo tenha respeito próprio, também esperamos que ele mantenha um padrão de consideração; esperamos que ele realize certos esforços para resguardar os sentimentos e a fachada dos outros presentes, e esperamos que ele faça isso voluntária e espontaneamente por causa de uma identificação emocional com os outros e com os sentimentos deles.”

(Goffman 2011: 205)

É claro que, em situações onde a *face* de um participante fica comprometida, os demais participantes poderiam tornar-se hostis e, conseqüentemente, a interação tornar-se-ia constrangedora ou até mesmo conflituosa. Cabe, então, ao participante buscar preservar ou reparar a sua própria *face*. Num estudo sobre o uso da linguagem em interação verbal, Garcez (2008: 27) afirma que, quando uma pessoa percebe que há ou pode haver dúvidas em relação ao que está a ser dito ou feito, ela procura explicar-se, prestar contas da sua conduta, pedir desculpas, etc. Garcez (2008: 27) ainda menciona que “tais ações revelam o caráter da análise que os participantes estão constantemente fazendo das suas próprias ações e das ações uns dos outros (...)”.

Para Goffman (2011: 22 e 26), há dois tipos básicos de preservação da *face*: o processo de evitação e o processo corretivo. No primeiro, o participante evita contactos que ameacem a sua *face*. Entretanto, caso o contacto seja inevitável, deverá evitar determinados assuntos ou tentar esconder certas atividades que comprometam a linha ali assumida. No segundo processo, a pessoa e/ou os demais participantes reconhecem o incidente e buscam corrigir os seus efeitos. Uma forma de correção é dizer que a expressão ameaçadora foi, na verdade, uma brincadeira, uma piada, que não teve a intenção presumida pelos outros participantes. Por conseguinte, o ofendido poderá aceitar, fingir que aceita tal correção ou, simplesmente, esbracejar e buscar a retaliação. Segundo Goffman (2011: 30), “fica claro que as emoções têm um papel nesses ciclos de respostas, como quando expressamos angústia pelo que alguém fez para a fachada de outra pessoa, ou fúria pelo que foi feito para nossa própria fachada”.

Em suma, pode dizer-se que a preservação da *face* se relaciona com a honra e o orgulho de um indivíduo. Por isso, tendo em conta tais sentimentos, alguns participantes apresentam atitudes consideradas imodestas ou arrogantes, procurando enaltecer qualidades pessoais e/ou profissionais que supõem ter.

2.2 - Gestos e sua relação com as palavras

Como observámos na secção anterior, os encontros sociais envolvem rituais que vão muito além da fala. Como já referi brevemente, há pistas extralinguísticas que podem e devem ser observadas, como certos gestos, movimento dos ombros, mudança de postura, desvio de olhar, ritmo da fala, entonação etc., que indicam a intenção, o estado emocional ou a ação subsequente de um participante aos demais. Ao entrar num encontro social, por exemplo, um participante pode cumprimentar os restantes elementos com um aceno de cabeça ou de mão, sem que seja necessário usar uma palavra. Esses simples gestos podem substituir o cumprimento verbal (“olá”, “oi”, etc.), sem causar danos à imagem do participante. Parecem, inclusive, mais fácil acenar sem nada dizer do que o contrário. Ao dizermos “olá”, movimentamos, quase de forma automática, alguma parte do nosso corpo, seja a mão que levanta em sinal de saudação ou as sobrancelhas que se movem para cima. A necessidade de comunicação do homem, ou também capacidade, extrapola o dizer. Usamos constantemente o nosso corpo para emitir ideias, sentimentos, sinalizar algo ao outro, etc.

Com isto, pretende evidenciar-se a forte ligação entre gestos e fala, como aliás tem sido comprovado na investigação desenvolvida na área dos estudos do gesto (Müller 2013: 1-6). Já nos anos 70, Kendon volta a sua atenção para o facto da fala e do gesto serem dois aspetos de um só processo subjacente à produção de enunciados (Kendon 2004: 76-78). Este entendimento sobre a natureza da língua tem vindo a ser comprovado em vários tipos de abordagem, como por exemplo nas perspetivas psicolinguística e cognitiva por McNeill (1992) e Goldin-Meadow (2003). Este ponto de vista tem também vindo a ser sustentado em diversos estudos sobre a forma como os gestos se relacionam com as palavras do discurso. Embora desde a Antiguidade Clássica tenham sido feitos estudos esporádicos sobre gestos (Kendon 2004: 17-61), foi a partir do século XX que os estudos sobre o gesto proliferaram. Há décadas em que têm sido apresentadas diversas classificações do mesmo, como as de Ekman & Frisen (1969), McNeill (1992) e Kendon (2004; 2013). Há gestos que podem substituir facilmente as palavras, como, por exemplo, o aceno de mão. Isso deve-se ao facto de que alguns gestos estão fortemente convencionalizados em determinadas sociedades e, portanto, são facilmente interpretados pelos seus membros. Outros gestos só podem ser

interpretados na sua relação com a fala. Estes são chamados de coverbais, pois, por si só, não conseguem transmitir a mensagem. Kendon apresenta a ideia de um contínuo para explicar a possibilidade de um gesto poder ser interpretado com ou sem a presença da fala, uma ideia que McNeill desenvolve através do conceito *Kendon's continuum* (McNeill 1992: 37).

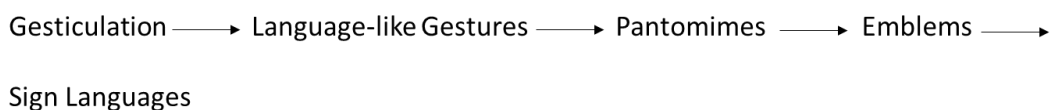


FIGURA 1. Kendon's continuum (McNeill 1992: 37).

Os gestos coverbais relacionam-se também de forma diferente com as palavras correferentes ou com as partes do discurso. Kendon prefere não sugerir uma “classificação”, mas sim interpretações das diferentes formas de como os gestos se relacionam com as palavras dos enunciados que integram. Assim, dividimo-los em dois grandes grupos: os referenciais e os pragmáticos. Do primeiro, fazem parte os gestos emblemáticos, descritivos e deíticos (ou de apontar); do segundo, os gestos que operam, sobretudo, a nível da estruturação do enunciado ou da articulação entre as ideias.

Os gestos emblemáticos são os que apresentam um significado específico e que estão convencionalizados numa dada sociedade como mencionámos acima; os descritivos podem ser utilizados para descrever objetos, pessoas, espaços e ações, por exemplo; e os deíticos são os gestos utilizados para fazer uma referência espacial, temporal ou pessoal. Note-se que os elementos deíticos nem sempre orientam a atenção do ouvinte para elementos físicos, existentes no mundo real. Eles também podem apontar para elementos imaginários de um mundo fictício, assim como elementos referidos no discurso, como lembra Galhano-Rodrigues (2012: 140). Resumindo, não interessa só a configuração do gesto, mas o que esse gesto representa na construção do enunciado, num determinado contexto. Por essa razão, Goffman (2002a) chama atenção para o facto de que não se pode analisar a fala e os gestos produzidos por um falante, sem ter em conta o cenário físico em que ele se encontra. Segundo o autor, “(...) não se pode descrever completamente um gesto sem fazer referência ao ambiente extracorpóreo no qual ele ocorre” (2002a: 16).

Além dos gestos coverbais, foram descritos os adaptadores (Ekman & Friesen 1969) que não participam na construção do enunciado. São voltados para objetos ou partes do corpo, como, por exemplo, coçar o nariz, arranjar a roupa ou mexer numa caneta. Em geral, eles são desempenhados de forma inconsciente e independente da fala, e refletem apenas algum desconforto ou alguma dor que o locutor possa ter. Entretanto, acreditamos que

alguns desses gestos são produzidos de maneira estratégica. Muitas vezes, para ganhar tempo e estruturar o pensamento, o locutor “dedica” certo tempo a um determinado objeto ou finge olhar algo importante no telefone. Retomando a ideia de Goffman, que vimos na secção anterior, sobre ‘evitação’, diríamos que esses gestos podem ser usados como subterfúgios pelo locutor para escapar a determinados assuntos ou a certas situações que poderiam comprometer a sua *face* e/ou a dos outros. Assim, acreditamos que os adaptadores - como coçar a cabeça ou o nariz, soltar um riso nervoso ou olhar para o chão - podem ser executados de forma espontânea como comportamentos desviantes, ou *biombos*, como refere Goffman (2011: 99-100), com a intenção de ocultar estados emocionais que não se pretende mostrar.

2.3 - Unidades de análise prosódica e sinais conversacionais

Como vimos, além dos gestos, há outros elementos importantes para a transmissão e compreensão das mensagens. Na interação, uma pausa ou silêncio pode conter muito mais significado do que as palavras do enunciado. Uma pausa que revela hesitação pode representar, por exemplo, o constrangimento do locutor relativamente a um determinado assunto ou, tendo em conta os estudos goffmanianos, uma estratégia de evitação para resguardar a própria *face* ou a do outro.

A prosódia do discurso, por sua vez, também exerce um papel importante na interação. É através das variações dos parâmetros prosódicos a nível auditivo – altura de tom, quantidade, intensidade e timbre da voz – que um falante assinala conexões temáticas, focaliza as partes mais importantes do discurso e desfoca as menos importantes, gere a alternância de turnos e cria o ritmo na fala. Ou seja, a prosódia (assim como os gestos) é importante para influenciar os ouvintes na interpretação da mensagem do falante de acordo com as suas intenções (Galhano-Rodrigues 2007: 171). É do senso comum que o falar devagar e pausado transmite tranquilidade e segurança acerca do que está a ser dito. Por outro lado, o discurso proferido num ritmo mais acelerado é considerado, de uma maneira geral, sinónimo de nervosismo ou de insegurança. De acordo com Goffman (2011: 78), o indivíduo que tem um porte entendido como “bom” e adequado deve apresentar, ao longo da interação, certas características como discrição e sinceridade, controlo da fala e dos movimentos corporais, ou seja, deve evitar manifestar as suas emoções, sobretudo em contextos que o colocam sob maior tensão. Logo, o alvoroço ou a falta de autocontrolo podem ser considerados negativos e inapropriados para a interação social. Por outro lado, o alvoroço também pode ser utilizado como uma estratégia para tirar o foco do que está a ser dito, uma vez que os restantes participantes podem acabar por focar-se nas ações alvoroçadas

do locutor e, por conseguinte, não prestar atenção ao discurso propriamente dito. Além disso, movimentos exagerados e teatralizados (melodramáticos) podem ser utilizados para voltar o foco para si e/ou persuadir os ouvintes, dando ao discurso uma carga emotiva maior.

Ainda sobre os elementos rítmicos, como já referi, podem ser utilizados como forma de organizar a fala ou os “turnos” da fala. No jogo da interação, podemos observar que os locutores utilizam certas estratégias para ceder ou reivindicar a vez. Levinson (2007: 381) menciona que, quando há sobreposição de fala, o falante que “sobe em grau” acaba por ganhar o direito à palavra. Para o autor, “subir em grau” corresponde a traços como amplitude aumentada, ritmo desacelerado, vogais alongadas, entre outros.

Outro traço interessante na organização da fala é o olhar. Argyle & Kendon (1967: 74) mencionam que uma interação é, frequentemente, iniciada por um período de contacto visual entre os participantes, o que pode ser interpretado como um sinal de que estão prontos para interagir. Além disso, Argyle & Dean (1965: 291) afirmam que as pessoas tendem a manter o “olhar distante” ou, poderíamos dizer, desfocado, quando começam a falar ou quando estão a pensar no que está a ser dito ou no que será dito. Ao mesmo tempo, o locutor pode desviar o olhar do(s) ouvinte(s) com a intenção de dizer que não cederá a vez. É como se o locutor entrasse num monólogo e colocasse os demais participantes no papel de plateia, cuja participação seria imprudente ou inadequada.

3 - Descrição do corpus e unidades de análise

Na nossa análise, teremos em conta não apenas o discurso proferido, mas também os gestos, as posturas, ações corporais, ritmo da fala e pausas, realizados pelo locutor ao longo da interação.

Para análise, como mencionámos na introdução, foi selecionado o primeiro depoimento do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, prestado em 2017 durante a investigação denominada ‘Operação Lava Jato’. Na época, a Justiça Federal do Paraná intimou o ex-presidente a prestar depoimento sobre a denúncia da recepção de propina através da compra de um triplex, localizado no litoral do Estado de São Paulo. A operação ainda está em andamento, uma vez que é constituída por muitos processos e envolve inúmeros políticos, empresários e pessoas relacionadas com eles.

Entretanto, a investigação referente ao caso do triplex já foi encerrada e acabou por condenar o ex-presidente à prisão. Essa foi a primeira vez que um ex-presidente da república foi julgado e condenado por corrupção no Brasil. Por conseguinte, a condenação gerou comoção e muita polémica entre a população que se mostrou dividida. Assim, a nosso ver,

analisar os depoimentos do ex-presidente torna-se relevante para uma melhor compreensão da situação política pela qual o Brasil está a passar.

3.1 - Corpus e as unidades de análise

Por conta da dimensão da ‘Lava Jato’ e por se tratar do julgamento de uma das maiores figuras políticas do Brasil, o depoimento do ex-presidente foi largamente divulgado na *internet*, assim como os nomes de todos os seus participantes. Diante disso, não sentimos necessidade de ocultar qualquer nome ou trecho do depoimento neste trabalho. Como o mesmo durou quase cinco horas, decidimos utilizar apenas a parte em que o ex-presidente faz as suas declarações finais de “forma livre”, isto é, sem estar condicionado por perguntas. Entretanto, como essa parte também é longa (quase 20 minutos), procedemos a um novo recorte. Seleccionámos, então, alguns enunciados verbais que julgámos importantes na construção da linha de conduta e na preservação da *face* do locutor. Aliás, na nossa análise, chamaremos de ‘locutor’ ao sujeito principal do depoimento, o ex-presidente Lula. Os demais participantes não serão analisados, ainda que possam ser mencionados para facilitar a compreensão da fala ou do gesto do locutor.

O vídeo utilizado neste estudo foi recolhido do site YouTube⁴ e encontra-se em domínio público. Nesse site, é possível encontrar muitos vídeos referentes ao mesmo depoimento. Entretanto, optámos por um em que o ex-presidente estivesse voltado para a câmara, para que pudéssemos observar os seus movimentos corporais e as suas expressões faciais. Tais observações foram feitas através do software Elan, versão 5.1, que permite tirar anotações em vídeos e áudios. O software pertence ao ‘Max Planck Institute for Psycholinguistics’ e está disponível para livre download no site⁵ do instituto.

Para a denominação dos gestos, apoiar-nos-emos nos estudos de McNeill (1992) e Geneviève Calbris (2003). Dado que nossa análise gira em torno de uma figura política, utilizaremos, como principal referência, as configurações e denominações apresentadas por Calbris (2003: 29) num estudo sobre a expressão gestual do pensamento de um homem político.

⁴ <https://www.youtube.com/>

⁵ <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>

3.2 - *A Operação Lava Jato*

De forma bastante resumida, buscaremos apresentar aqui algumas informações sobre a ‘Operação Lava Jato’, que é considerada a maior investigação sobre corrupção e lavagem de dinheiro no Brasil.

Segundo dados do site do Ministério Público Federal do Brasil⁶ (MPF), a operação teve início em março de 2014, na Justiça Federal de Curitiba, quando foram investigadas e processadas quatro organizações criminosas lideradas por doleiros. Em seguida, o MPF recolheu provas de um esquema de corrupção que envolvia a maior empresa brasileira de petróleo, a Petrobras. Esse esquema consistia em pagamentos de propina, realizados por empreiteiras, a altos executivos da Petrobras, assim como a outros agentes públicos. Essas empreiteiras superfaturavam contratos bilionários que mantinham com a empresa de petróleo e, em contrapartida, pagavam propinas que variavam de 1% a 5% do valor total desses contratos.

Até ao dia 15 de outubro de 2018, na Justiça do Paraná, que tem como capital a cidade de Curitiba, foram instaurados 2.476 processos relativos a essa operação e foram feitas 82 acusações criminais contra 347 pessoas.

4 - *Análise do depoimento*

Achámos pertinente começar esta análise pela perspectiva goffmaniana acerca de uma situação social. Como vimos na secção 2.1., Goffman (2002a: 18) menciona que todo o participante, comprometido com a interação, tem a sua atenção voltada para um ou mais participantes e, por conseguinte, acaba por desviar-se daqueles que não estão oficialmente no encontro.

No depoimento em análise, observámos que a cadeira do réu, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, está posicionada de frente para o juiz federal Sergio Moro, que é o responsável pelos processos da ‘Operação Lava Jato’ em Curitiba. Essa disposição de lugares é comum no âmbito jurídico. Entretanto, queremos chamar atenção para o facto de que ela corrobora a definição goffmaniana que vimos acima. Essa disposição faz com que o réu tenha a sua atenção voltada para o juiz e se desvie dos demais participantes (Figura 2). Além disso, fornece pistas sobre os principais atores sociais desse tipo de interação, isto é, o réu e o juiz.

⁶ Endereço eletrónico: <http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato/entenda-o-caso>
Acessado em: 14 de janeiro de 2018.



FIGURA 2. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva posiciona-se de frente para o juiz.

No trecho em análise, o juiz Sergio Moro pergunta ao ex-presidente se ele gostaria de fazer uma declaração final. Lula diz que sim (“Eu gostaria, doutor.”) e, em seguida, usa a vez cedida pelo juiz para se defender das acusações sofridas e reivindicar uma imagem positiva de si mesmo. Observámos que ele assume uma *face* de vítima, logo no início do seu discurso, quando diz: “Bem, primeiro eu gostaria de dizer que eu ‘tô’ sendo vítima da maior caçada jurídica que um presidente ou que um político brasileiro já teve”. Ao dizer “caçada”, observámos que ele bate suavemente na mesa, com a palma da mão esquerda aberta e voltada para baixo (Figura 3). Depois, ao dizer “jurídica”, levanta a mesma mão, porém com o indicador estendido para cima (Figura 4).



FIGURA 3. Gesto do ex-presidente no momento em que diz “caçada”.

Tendo em conta o estudo de Calbris (2003: 108), denominaremos de “Main à plat” o gesto feito por Lula ao dizer “caçada”. Para a referida autora, esse gesto está relacionado com o real, o concreto e o que está claro. Assim, podemos interpretar o gesto do locutor

como uma forma de reforçar que a “caçada” é real, um dado adquirido, e não algo inventado ou fictício. Em seguida, ao levantar o indicador esquerdo em sincronia com a palavra “jurídica”, procura chamar a atenção do ouvinte para a natureza da “caçada”. De forma hipotética, poderíamos dar a esse gesto a seguinte legenda: “Atenção! Não se trata de uma caçada qualquer, mas sim jurídica”.



FIGURA 4. Gesto do ex-presidente no momento em que diz “jurídica”, referindo-se à “caçada”

Tendo em conta que o locutor se encontra num contexto jurídico, esse enunciado ganha mais força ilocucionária. O locutor insinua que o seu ouvinte é, na verdade, o seu caçador. Com isso, inverte os papéis identitários. O acusado passa a ser vítima e o homem que representa a justiça transforma-se no caçador, isto é, numa personagem que tem uma conotação negativa para a *doxa*. Ao mesmo tempo, o ex-presidente já dá pistas de que não pretende fazer esforços com o intuito de preservar a *face* do juiz e dos restantes membros do Ministério Público Federal.

Antes de terminar o enunciado, o ex-presidente volta a repetir o mesmo gesto de apontar. Este é feito no momento em que Lula diz “que um político brasileiro já teve”. Isto é, o locutor não aponta para algo concreto, mas visa dar foco a um referente abstrato (“político brasileiro”). Percebemos aqui uma polarização entre a imagem de vítima e a de político, que, para a consciência coletiva, são contraditórias. O facto do ex-presidente chamar atenção para esse trecho pode ser interpretado como uma forma de reivindicar o seu papel social.

Também observámos que o ex-presidente procura mostrar-se calmo no início do seu discurso. Fala devagar, faz inúmeras pausas e, numa boa parte do tempo, mantém as mãos cruzadas na frente do corpo (Figura 5). Podemos dizer que preserva um porte adequado à interação que se dá num contexto forense, mais formal.



FIGURA 5. O ex-presidente no início da declaração.

Entretanto, a partir do momento em que foi interrompido pelo juiz Sergio Moro, observámos algumas alterações no seu comportamento. Durante a interrupção feita pelo juiz, o ex-presidente movimentou o corpo para a frente e puxou o microfone para si (Figura 6). Depois, apelou à paciência do juiz (“Espero que o senhor tenha paciência. Espero que tenha paciência, doutor.”). Ao pedir “paciência”, o locutor acaba afastando-se do tópico da conversa e desvia a atenção dos interlocutores. Também o movimento que executa pode ser interpretado como uma forma de mostrar ao outro participante que não está disposto a ouvi-lo e, ao mesmo tempo, reforça a ideia de que não vai ceder a vez.



FIGURA 6. O ex-presidente puxa o microfone para si.

Assim, podemos interpretar o referido enunciado como uma estratégia de desfocagem e, por conseguinte, como uma forma de retomar o direito à palavra. Além disso, a partir desse momento, observámos alterações no ritmo da fala, na altura de tom e na

intensidade. Consequentemente, os seus movimentos corporais tornaram-se mais frequentes e, em alguns momentos, exagerados, como veremos mais adiante.

Em seguida, Lula afirma que está a ser julgado por um “PowerPoint mentiroso” que é “ilação pura”. Ao proferir este depoimento, faz o gesto denominado de “rond” por Calbris (2003: 29), em que o polegar e o indicador tocam um no outro formando um anel. Esse gesto está relacionado, de forma metafórica, com a ideia de ‘precisão’. Entretanto, Kendon (1995: 268) menciona que o mesmo pode estar associado a diferentes usos como: “a segment of speech that provides precise information, makes a specific reference to something, makes something specific in contrast to other possibilities or in contrast to something more general, or which gives a specific example of something”.

No caso em análise, acreditamos que o gesto feito pelo ex-presidente se dirige a um PowerPoint específico, parte integrante do conhecimento partilhado, usado como prova contra ele, e que, na sua opinião, nada mais é do que uma ilação.



FIGURA 7. Gesto denominado “rond” por Calbris (2003: 29).

Em relação à linha de conduta assumida pelo ex-presidente, observámos que, em vários momentos, faz algumas referências ao seu governo e reivindica um reconhecimento por aquilo que fez. Vale destacar a seguinte passagem: “Eu tenho orgulho de ter feito a Petrobras ser a empresa extraordinária que foi. Eu tenho orgulho da Petrobras deixar de ter 3 bilhões de investimento por ano para chegar a 30 bilhões.”. Observámos que o ex-presidente afirma “eu tenho orgulho” duas vezes, e, entretanto, os gestos que acompanham os enunciados são muito distintos.



FIGURA 8. O ex-presidente diz ter orgulho da Petrobras.

Como podemos ver na figura 8, na primeira vez, faz o gesto de apontar, com as duas mãos voltadas para si, numa clara referência a si mesmo, ao “eu”. Calbris (2003: 61) chama a este tipo de gesto “auto-centration” e afirma que “La communication passe de l'orateur au public lorsque la voix et le corps lui-même deviennent acteurs du discours.”. Também é curioso observar que o locutor faz o referido gesto voltado para o público geral, como que apelando diretamente à sua compreensão e empatia. O auditório deixa, assim, de se sentir como um ouvinte passivo, passando a ser um elemento ativo na construção de uma opinião, que Lula pensa ser importante para a decisão final do juiz.



FIGURA 9. O ex-presidente diz ter orgulho da Petrobras pela segunda vez.

Já na segunda vez que o locutor diz “eu tenho orgulho”, estende o indicador da mão esquerda para cima e o indicador direito na direção do juiz de forma quase que simultânea (Figura 9). Esses gestos são interpretados, a nosso ver, como uma forma de se dirigir agora diretamente ao juiz, chamando a sua atenção para o sentimento de orgulho que ele não deixou de ter, mesmo sendo acusado de corrupção. É como se o locutor dissesse: “Presta atenção, doutor. Eu estou dizendo que tenho orgulho”. Estas ações corroboram ainda a ideia apresentada na secção 2.1 de que a preservação da *face* está relacionada com a honra e o orgulho de um indivíduo. Ao enaltecer a Petrobras (“Eu tenho orgulho de ter feito a Petrobras ser a empresa extraordinária que foi.”), o ex-presidente está, na verdade, a enaltecer o seu governo e as qualidades profissionais que ele acredita ter, e, ao mesmo tempo, a reivindicar uma *face* positiva para si mesmo. Afirma ainda, numa outra passagem, que o seu erro foi provar que o Brasil pode dar certo. Além disso, mais adiante, confessa que esperava mais respeito, uma vez que “deu a esse país a dignidade que ele não tinha há muito tempo atrás”.

Todas estas suas ações, de diversas modalidades, parecem remeter para a ideia de que se está perante uma vítima. Como vimos no início desta secção, o locutor começa o seu discurso apresentando-se como “vítima de uma caçada jurídica”. Num outro trecho, diz que está a ser perseguido e afirma que “o processo de perseguição é imperdoável”. Observámos que, ao produzir este enunciado (Figura 10), o locutor faz o gesto emblemático “joined hands” ou “praying hands”, que Kendon (1995: 259) classifica como uma forma de pedir algo ou fazer um apelo ao ouvinte. Esse gesto acrescenta significado ao que é expresso por palavras: enquanto afirma que o processo é imperdoável, está a exhibir uma postura típica de pedir perdão. Neste caso, poderá ser interpretado como expressão do sentimento de

desespero causado pelo que o locutor considera de “falta de justiça”, a ponto de pedir aos ouvintes que essa acusação lhe seja retirada.



FIGURA 10. Gesto emblemático “joined hands” ou “praying hands”.

Num outro trecho do vídeo, o ex-presidente pede o fim das ilações e, seguidamente, questiona acerca da natureza do crime que cometeu (“Então o que eu quero é que se pare com ilações e que me diga qual é o crime que eu cometi”). Ao dizer “qual é o crime que eu cometi”, o ex-presidente pega num livro que está sobre a mesa e sacode-o na direção do ouvinte (Figura 11). Podemos dizer que o objeto em questão representa as informações que estão escritas sobre o locutor ou o local onde o “crime” poderia ser ou não encontrado.



FIGURA 11. Movimento feito pelo ex-presidente no momento em que diz “qual é o crime que eu cometi”.

Também podemos interpretar esse movimento como uma maneira de mostrar indignação diante das acusações que comprometem a sua *face* e a sua linha de conduta. Nesse

momento do interrogatório, fica claro que o locutor perdeu a “tranquilidade” que visava transmitir no início. Agora, ele apresenta ações alvoroçadas e não consegue esconder mais os seus sentimentos de indignação ou raiva perante a desvalorização da sua *face*. Como citámos na secção 2, Goffman (2011: 30) afirma que as emoções têm um papel claro no ciclo de respostas, “como quando expressamos angústia pelo que alguém fez para a fachada de outra pessoa, ou fúria pelo que foi feito para nossa própria fachada”.

Segue-se um trecho em que o ex-presidente pede que seja apresentada uma prova: “Pelo amor de Deus, apresentem uma prova.”. Ao dizer “pelo amor de Deus”, observamos que junta as duas mãos na frente do corpo, com as palmas abertas voltadas para si (Figura 12). Parece-nos que esse gesto resulta da combinação de outros dois: “praying hands” e “purse hand” (Kendon 1995) ou “pyramide” (Calbris 2003). Sendo assim, este poderia ser interpretado como uma súplica ou, ainda, como uma pergunta. Entretanto, nesse contexto em que o locutor traz para o seu discurso a figura de Deus, acreditamos que a melhor interpretação seja mesmo a de súplica. Esse gesto reforça o valor ilocucionário do enunciado, acrescentando-lhe uma maior carga emotiva, uma vez que a forma de súplica poderá ter, sobre o(s) ouvinte(s), um maior impacto do que as palavras.



FIGURA 12. Gesto feito pelo ex-presidente ao dizer “pelo amor de Deus”.

Por fim, cabe mencionar que alguns dos gestos desempenhados, com certa insistência, pelo locutor, como os apresentados nas figuras 8 e 11, podem ser considerados mais exagerados ou até mesmo teatralizados. Como mencionámos na parte teórica, esta questão pode ser vista como uma estratégia para voltar a atenção para si e, ao mesmo tempo, persuadir o(s) ouvinte(s). Ao expor os seus sentimentos, podemos dizer que o locutor também está a expor a sua *face* e, desta maneira, pode conseguir a empatia dos outros

participantes, fazendo com que eles tenham consideração pela sua *face*, já que “a *face* pessoal e a *face* dos outros são construídos da mesma ordem (...)” (Goffman 2011: 14).

5 - Considerações finais

Neste estudo, buscamos analisar a relação entre gestos e fala no processo de construção da linha de conduta e da preservação da *face* em encontros sociais.

Para tal análise, extraímos alguns trechos da declaração final do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, realizada no final do primeiro depoimento por ele prestado no âmbito da investigação ‘Lava Jato’.

Durante a nossa análise, pudemos comprovar algumas das relações existentes entre gestos e fala. Ao mesmo tempo, percebemos que essa relação tem um papel importante na construção da imagem do ‘eu’ e na preservação da *face* e da linha de conduta dos participantes. Tendo em conta a natureza do encontro social analisado, notamos também o uso de certas estratégias para persuadir o alocutário.

Obviamente que não conseguimos esgotar todas as possibilidades que um estudo multimodal comporta, pelo que, por conta do tamanho deste trabalho, a nossa análise ficou restrita a apenas alguns gestos, ações corporais e trechos do discurso. Observamos, no entanto, que traços como a orientação do olhar e o ritmo têm um papel muito importante na produção de alguns enunciados e, nesse sentido, deveriam ser mais explorados em estudos futuros.

Por fim, esperamos que este trabalho tenha conseguido mostrar, ainda que de forma muito incipiente, a importância da análise multimodal da interação face a face em contextos políticos e forenses, sobretudo nestes últimos, em que, geralmente, são apenas tidos em conta os discursos proferidos pelos participantes e a impressão subjetiva que estes provocam nos ouvintes. A aplicação intensiva dos conhecimentos adquiridos nas diversas abordagens da investigação, desenvolvida na área dos estudos do gesto e da análise da conversação/discurso, é essencial para uma interpretação do discurso/interação com maior objetividade.

REFERÊNCIAS

- Argyle, M.; Dean, J. 1965. Eye-Contact, Distance and Affiliation. *Sociometry*, 28(3), 289-304.
- Argyle, M.; Kendon, A. 1967. The Experimental Analysis of Social Performance. *Advances in Experimental Social Psychology*, 3, 55-98.
- Bühler, K. 1965. *Sprachtheorie*. Stuttgart: G. Fischer Verlag.
- Calbris, G. 2003. *L'expression gestuelle de la pensée d'un homme politique*. Paris: CNRS Communication.

- Ekman, P.; Friesen, W. 1969. The Repertoire or Nonverbal Behavior: Categories, Origins, Usage and Coding. *Semiotica*, 49-98. Fonte: <https://doi.org/10.1515/semi.1969.1.1.49>
- Galhano-Rodrigues, I. 1998. *Sinais conversacionais de alternância de vez*. Porto: Granito.
- Galhano-Rodrigues, I. 2007. *Algumas notas sobre técnicas de análise da comunicação verbal e não-verbal na interação face a face*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Galhano-Rodrigues, I. 2012. “Vou buscar ali, ali acima!”: A multimodalidade da deixis no português europeu. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 7, 129-164.
- Garcez, P. M. 2008. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In L. L. Loder & N. M. Jung (Eds.), *Fala-em-interação-social: Introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado De Letras, 17-38.
- Goffman, E. 2002a. A situação negligenciada. In B. T. Ribeiro & P. M. Garcez (Eds.), *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 13-20.
- Goffman, E. 2002b. *Representação do eu na vida cotidiana*. (M. C. Raposo, Trad.) Petrópolis: Vozes.
- Goffman, E. 2011. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. (F. R. Silva, Trad.) Petrópolis: Vozes.
- Goldin-Meadow, S. 2003. *The resilience of language: what gesture creation in deaf children can tell us about how all children learn language*. New York: Psychology Press.
- Gumperz, J. 1982. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kendon, A. 1995. Gestures as illocutionary and discourse structure markers in Southern Italian. *Journal of Pragmatics*, 23(3), 247-279.
- Kendon, A. 1997. Gesture. *Annual Review of Anthropology*, 26, 109-128.
- Kendon, A. 2004. *Gesture: Visible Action as Utterance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Levinson, S. 2007. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mangueneau, D. 2007. A propósito do ethos. In A. Motta & L. Salgado (Eds.), *Ethos discursivo* (2 ed.). São Paulo: Contexto, 11-30.
- McNeill, D. 1992. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. Chicago: Chicago University Press.
- Müller, C. 2013. Introduction. In C. Müller, A. Cienki, E. Fricke, S. Ladewig & D. McNeill (Eds.), *Body - Language - Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 1-6.
- Sacks, H.; Schegloff, E.; Jefferson, G. 1974. A Simplest Systematics for the Organization. *Language*, 50(4), 696-735.